

A COMODITIZAÇÃO EXÓTICA DE CORPOS TRANS NA PROSTITUIÇÃO

ALICE MATOS SIQUEIRA¹; RAFAEL MALHÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – alicematosss@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– malhao.rafael@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, realizamos uma pesquisa exploratória acerca da comoditização de corpos trans na região da cidade de Pelotas com objetivo de compreender a situação social deste grupo.

O objetivo desta pesquisa é investigar, por meio de entrevistas com trabalhadoras sexuais da região, como seus corpos são exotizados e fetichizados no mercado sexual local. Definimos aqui como exóticas as performances de sexualidade disponíveis no mercado sexual, não só a configuração corporal do corpo trans em si, mas práticas de BDSM ou inversão sexual das posições heteronormativas. Estas performances não são totalmente limitadas a corpos trans, afinal há a sexualidade da inversão. Procuramos nesta pesquisa mensurar em parte se a busca por estas performances exóticas sexuais estão focadas em maior quantidade com trabalhadoras trans do que cis.

Em 2024, foram assassinadas 122 pessoas trans e travestis (ANTRA, 2025), colocando o Brasil no ranking mundial dos países que mais matam pessoas trans. Ao mesmo tempo plataformas digitais de pornografia mostram que também é um dos países que mais consome pornografia trans (adicionar pesquisa). Em primeira instância é possível que a população convergente entre a violência e o desejo por corpos trans se justifique sobre uma rotulação da pessoa trans como abjeto, não só objetificando o corpo de maneira sexual, mas definindo como impróprio para vida e em sociedade. Procuramos desenvolver através da entrevista com essas mulheres, uma compreensão da contradição entre violência e desejo, dinâmica que tem nos seus corpos o *locus* de manifestação em nosso país.

2. METODOLOGIA

Durante o semestre de 2025/02, serão realizadas 6 entrevistas semiestruturadas e abertas com trabalhadoras sexuais trans/travestis da região de Pelotas, metade das entrevistadas foram contatadas por sites de acompanhantes e a outra metade por contato nas ruas de Pelotas, procuramos com estas entrevistas compreender a trajetória de vidas dessas trabalhadoras e suas causas para serem forçadas – ou não – a prostituição, comparando a perspectiva do trabalho e venda de serviços性uals por sites/aplicativos de acompanhantes (área digital) com o trabalho de rua, procuramos analisar o exotismo produzido na relação com o “público consumidor” e como isto é percebido e articulado pelas trabalhadoras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total de 6 desejadas entrevistas, somente uma foi possível ser realizada com uma trabalhadora do site de acompanhantes Fatal Model, com 26 anos e 6 anos de trabalho na área natural de Pelotas, a entrevistada nos concedeu informações a cerca do mundo da prostituição envolvendo mulheres trans/travestis na cidade de Pelotas.

Segundo a mesma a maioria das trabalhadoras preferem anunciar seus serviços por sites de acompanhantes como a Fatal Model, do que o anuncio de serviço nas ruas, o site, porém não oferece qualquer segurança a anunciante, a entrevistada chegou a sofrer 6 casos de violência física e um de roubo por clientes encontrados na Fatal Model.

Pelotas hoje em dia segundo a mesma não possui uma grande atividade de prostituição, em comparação com alguns anos passados e também não possui uma “cafetina” que esteja organizando os serviços das trabalhadoras na cidade, a entrevistada informa que este fator pode ter influenciado na dificuldade de realizar as entrevistas, devido a maioria das trabalhadoras não se sentirem seguras na região.

A maioria destas trabalhadoras também segundo a entrevistada não possuem ensino médio completo e são em grande parte usuárias de drogas.

Estimamos que a atual população de trabalhadoras sexuais trans/travestis seja entre 200 a 300 mulheres. Este grupo, porém, constantemente realiza viagens para diferentes cidades no estado do Rio Grande do Sul e está em constante fluxo, procurando a cidade com melhor qualidade de trabalho e vida.

Um dos fatores únicos no momento na cidade de Pelotas em relação a este grupo é a sua falta de estrutura para o trabalho, feita em grande parte através de uma “cafetina”. Em contraste com outras cidades de grande porte do Rio Grande do Sul, a cidade não possui uma “liderança estrutural” ao trabalho sexual, deixando grande parte das trabalhadoras por si, relegando a maioria à criminalidade para sobreviver ou se mudar para outras cidades.

A sexualidade de inversão em condição exótica devido ao corpo trans/travesti se dá também como o serviço sexual mais requisitado pelos clientes. Em suma, essa sexualidade é ofertada por trabalhadoras sexuais trans/travestis fetichizando o corpo e exotizando sua sexualidade. A partir desta condição, podemos analisar uma restrição na possibilidade destas trabalhadoras realizarem uma cirurgia de redesignação sexual em face de uma disforia de gênero causada pela genitália, visto que o serviço sexual da inversão é o mais requisitado realizar a cirurgia pode diminuir a clientela, como experenciado pela entrevistada.

Podemos analisar também que, apesar de Pelotas ser uma cidade universitária, com grandes unidades de ensino médio, técnico e superior, a maioria das trabalhadoras da região não concluíram o ensino médio. Segundo Preciado (2018, p. 308) “Um dos índices de grau de exploração do trabalho sexual e pornográfico é a imobilidade social de seus trabalhadores, a impossibilidade de abandonar esse âmbito de produção para ter acesso a outras formas menos pauperizadas de trabalho”. Podemos ver que devido a esta imobilidade social e do tempo utilizado pelo trabalho noturno sexual impede que grande maioria destas trabalhadoras possam retomar o ensino ou participar de cursos técnicos ou superiores; Assim como Preciado (2018) descreve a indústria farmacopornográfica coloca estas trabalhadoras em uma casta qual a desvaloriza para qualquer outro trabalho, isto também nos ajuda a entender o possível motivo da maioria das populações trans/travesti se relegar ao trabalho sexual,

considerando que sua posição sexual já abjeta perante a sociedade a impede de adentrar o mercado de trabalho não sexual.

A criminalização da cafetinagem e qualquer estruturação do trabalho sexual pela lei que proíbe qualquer tipo de lucro sob serviços sexuais alheios, impediu qualquer modelo fordista de trabalho sexual, seja através de empresas, sindicatos ou uniões de se formar. Está criminalização segundo Preciado.

Não são resultado de um desejo de proteger os direitos das mulheres frente a objetificação de seus corpos no mercado [...] negar que o sexo pode ser objeto de trabalho, de intercâmbio econômico, de serviço ou de contrato, é porque esta eventual abertura da categoria de trabalho coloca em questão os pretensos valores puritanos do espírito do capitalismo, ou, pior, deixa a mostra os autênticos valores pornôs que lhe são inerentes (PRECIADO, 2018, p. 307)

Esta restrição para defesa dos direitos das mulheres trans/cis e travestis do trabalho sexual criou um terreno fértil no trabalho sexual criminalizado pela cafetinagem, o avanço do atual modelo estrutural de exploração sexual pós-fordista, que grandemente expande a assimetria de classe e gênero, monopolizando a massa do trabalho sexual e a indústria cultural ao seu redor, como veremos no caso da Fatal Model.

A empresa utilizada para esta pesquisa, Fatal Model, colocada como segundo maior site de acompanhantes em 2023 (citar), com grandes patrocínios em times de futebol Brasileiro, incluindo a seleção nacional, monopolizou por completo o aspecto da indústria da venda sexual no Brasil, utilizando de uma estrutura “uberizada” para circunventar a legislação atual e se aproveitar de uma grande massa de trabalhadoras, que antes viviam sob serviço da cafetinagem, fornecendo nenhuma senão mínima proteção para suas acompanhantes, como adicionado pela entrevistada a empresa não fornece qualquer auxílio ou segurança sob casos de crime de assalto, violência ou estupro entre suas anunciantes e os clientes.

4. CONCLUSÕES

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**

/ Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica** Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018